

Carl Henry e Gordon Clark eram racionalistas?

por G. Wright Doyle

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

* Este texto é uma versão resumida do que o Dr. Doyle escreveu em seu livro *Carl Henry: Theologian for All Seasons*.²

Talvez a crítica mais comumente vociferada contra Henry seja aquela de ele ser um racionalista e, portanto, um prisioneiro do agora defunto projeto moderno. Bob Patterson, por exemplo, escreve que: “Nem todos os evangélicos ficam felizes com a tendência de Henry para com o racionalismo”.³ Stanley Grenz e Roger Olson observam que os seus “críticos têm, com razão, percebido estar ele muito preocupado com a razão e a revelação proposicional”.⁴ Donald Bloesch diz: “O método de Gordon Clark e Carl Henry é dedutivo, derivando conclusões a partir de determinados princípios racionais”.⁵ Na mesma linha, Gordon Lewis e Bruce Demarest chamam Henry e o seu mentor Gordon Clark de racionalistas dedutivos.

Ainda assim, as acusações de racionalismo refletidas acima são pálidas em comparação com as palavras de Harvey Conn, repetindo e afirmando a descrição de Van Til sobre as abordagens dos “neo-evangélicos”:

Esses homens... aceitam... uma ênfase sobre “a lei da não contradição” (Carnell) ou “lógica como um exercício da razão para testar a verdade” (Gordon Clark) ou o que Van Til designa como “teísmo grego” (Carl Henry) como uma de suas categorias ou pressuposições em ação. E precisamente aqui reside a fraqueza básica desse tipo de apologética. “É a tentativa de unir formas superiores de pensamento não cristão em sua oposição a formas inferiores de pensamento não cristão...”⁶

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em novembro/2011.

² O texto serve como uma resposta às críticas contra o Dr. Gordon Clark, que foi mentor de Carl Henry. Aliás, o título original do artigo é simplesmente “Carl Henry era um racionalista?”. [N. do T.]

³ Bob E. Patterson, *Carl F. H. Henry*, in *Makers of the Modern Theological Mind* (Waco: Word Books, 1983), 164s. Pelo menos uma pessoa acusou Henry de ser tomista. Albert Mohler registra que Thomas Reginald McNeal descreve o “método de Henry como pressuposicionalismo apologético” que é “uma metodologia teológica racionalista dominada pela prioridade da razão sobre a fé” (“A Critical Analysis of the Doctrine of God in the Theology of Carl F. H. Henry” (Ph.D. diss., Southwestern Baptist Theological Seminary, 1986) 1. Mohler responde, “Todavia, Henry também enfatizava que a revelação é anterior tanto à razão como à fé, assim como ele defendeu o papel da razão e racionalidade no pensamento humano... Henry pode ser racional, se por isso queremos dizer sua confiança na razão como um instrumento de entendimento; mas ele não é um racionalista, se por isso queremos dizer que ele colocou a razão antes da revelação”. Note, 399. A caracterização de Henry como um tomista beira a bizarrice, considerando o repúdio explícito de Henry ao método teológico de Aquino em muitos tempos. Veja, por exemplo, *GRA* I, 4, “The Ways of Knowing”.

⁴ Stanley Grenz and Roger Olson, *20th Century Theology: God & the World in a Transitional Age* (Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1992) 297.

⁵ Patterson, *Carl Henry*, 166, quoting Donald Bloesch, *Essentials of Evangelical Theology II* (San Francisco: Harper & Row, 1979) 267, 268 .

⁶ Harvie Conn, *Contemporary World Theology*, 2nd ed. (Nutley, New Jersey, Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1974) 139-140, citing Cornelius Van Til, *The New Evangelicalism*, unpublished paper, n.d., 62.

O que é “Racionalismo”?

Racionalismo tem sido definido como uma “convicção que a razão fornece o melhor ou mesmo o único caminho para a verdade... Em teologia, o termo racionalismo frequentemente designa uma posição que subordina a revelação à razão humana ou exclui completamente a revelação como uma fonte de conhecimento”.⁷

M. J. Ovey lembra-nos que o termo “racionalismo” carrega conotações negativas em várias comunidades, e fornece uma discussão útil de alguns dos significados do termo.⁸ “Racionalismo” recebe crítica da parte dos cristãos se significar “a supremacia e adequação da razão humana” para descobrir a verdade.

Os críticos “românticos” alegam que o racionalismo exclui o amor e exhibe “esterilidade e incapacidade de explicar a riqueza da experiência humana”.⁹ Os pós-modernistas rejeitam o racionalismo pela última razão, bem como a partir da reação deles a qualquer afirmação de verdades fundamentais e absolutas, e à suposição que a razão pode decifrar e descrever os múltiplos mistérios da vida.

Na apologetica cristã, “racionalismo” pode descrever a convicção de que “se evidência apropriada for produzida em favor da fé cristã, um ouvinte, como ser racional, irá inevitavelmente chegar à fé” ou que a evidência “racional” para as alegações à verdade da Bíblia é suficiente para persuadir um inquiridor honesto.¹⁰

Como Ovey salienta com razão: “O clima atual do pós-modernismo é desfavorável ao racionalismo em muitos dos sentidos acima”. Os pós-modernistas rejeitam a ideia de qualquer verdade universal (exceto a sua própria afirmação de relativismo universal!) e suspeitam que a “razão” é apenas uma arma nas mãos daqueles com uma agenda. “Por essa razão, a acusação que a crença cristã é ‘racionalista’ pode ser devastadora num contexto pós-moderno”.¹¹

Quando os oponentes de Henry rotulam o seu método teológico de “racionalista”, portanto, eles obtêm uma vitória retórica sem na verdade ter que comprovar a sua acusação.

Resposta às Críticas de Racionalismo

No restante deste artigo, tentarei demonstrar que o pensamento de Carl Henry não se adequa em nenhum sentido às definições de “racionalismo” apresentadas acima. Isto é, ele não crê que a razão sozinha possa descobrir a verdade última; ele não dá à razão prioridade sobre a revelação de Deus na Bíblia; e ele não crê que a evidência racional sozinha persuadirá alguém a crer em Cristo.

De início, observemos que o próprio Carl Henry repetida e inequivocamente renunciou e repudiou o racionalismo.¹² No começo do Volume Um de *God, Revelation, and Authority*, por exemplo, ele destaca a dependência de todo raciocínio sobre suposições e pressuposições. Um

⁷ C.S. Evans, “Approaches to Christian Apologetics,” in *New Dictionary of Christian Apologetics*, W.C. Campbell-Jack and Gavin McGrath, eds. (Downers Grove: Inter-Varsity Press: 2006) 98-99.

⁸ M.J. Ovey, “Rationalism” in W.D. Campbell-Jack and Gavin McGrath, *New Dictionary of Christian Apologetics* (Downers Grove: Inter-Varsity Press, 2006) 592-594. The quotations following come from this article.

⁹ *Ibid.*, 593.

¹⁰ *Ibid.*, 594.

¹¹ *Ibid.*, 594.

¹² Gordon Clark demonstra o seu repúdio ao racionalismo em livros como *Reason, Religion and Revelation* e *Introduction to Christian Philosophy*, entre outros. [N. do T.]

capítulo sobre “Teologia e Filosofia” no mesmo volume explica o porquê a teologia evangélica não pode aceitar o preconceito anti-metafísico de grande parte da filosofia moderna.

A abordagem especulativa ignora a auto-revelação do Deus vivo e propõe uma cosmovisão racionalista sob premissas antitéticas. Ao fazê-lo, ela diminui a finitude do homem e esconde a sua situação epistêmica no pecado.¹³

Tal rejeição explícita de racionalismo coloca o ônus da prova sobre aqueles que negariam Carl Henry entender o seu próprio método teológico. Rotular Carl Henry de “racionalista” porque ele não repudia o uso da razão é semelhante a chamar Karl Marx de capitalista por causa do título do seu livro; uma pessoa deve acumular evidência considerável para sustentar tal alegação.

Os críticos citados acima declaram que o suposto “racionalismo” de Henry é manifesto por ser “muito preocupado com a razão e a revelação proposicional”. Observaremos em maior detalhe alguns significados possíveis para “estar ele muito preocupado com a razão”, mas por ora talvez possamos perguntar: O que “muito preocupado” implica?

Mais preocupado com a razão humana do que com a revelação divina? O primeiro dos quatro volumes de *God, Revelation, and Authority* constitui uma tentativa monstra de afirmar a natureza, meios e prioridade da revelação divina, particularmente a revelação escrita na Bíblia.

Mais preocupado com a razão do que com as emoções? Sim, se você quer dizer emoções como um veículo para a revelação. Henry não era um romântico. Por outro lado, ao longo dos seus escritos ele afirma sua crença no que Jonathan Edwards chamaria “afeições religiosas” como essencial para uma vida cristã normal, e em sua autobiografia, Henry refere-se várias vezes às suas respostas emocionais à bondade e grandeza de Deus.¹⁴

Mais preocupado com a razão do que com a intuição? Se por intuição queremos dizer intuições místicas inefáveis, Henry afirma que “intuicionismo místico é implicitamente panteísta. Ele obscurece tanto a transcendência do Criador-Deus como a rebeldia moral do homem... Embora haja mistérios sobre Deus, revelação é um mistério dissipado e transmite informação sobre Deus e os seus propósitos”.¹⁵

Ainda assim, há um tipo de “intuicionismo racional” sustentado por Agostinho, Calvino e outros, incluindo Henry, que acredita que os “seres humanos sabem que certas proposições são imediatamente verdadeiras, sem recorrer à inferência”.¹⁶ Essas incluiriam a existência de Deus e o senso de certo e errado, a consciência do eu, as leis da lógica, e as verdades da matemática. “De acordo com essa visão, as categorias de pensamento são aptidões para pensamento implantadas pelo Criador e sincronizadas com o todo da realidade criada”.¹⁷

O que dizer sobre a razão como distinta da experiência? Henry ressalta que a teologia tomista baseia-se nas impressões sensoriais como um fundamento, e que isso a tornou vulnerável ao ataque posterior da filosofia secular. Ele descreve a fraqueza do empirismo moderno, especialmente o empirismo científico e o positivismo lógico, e afirma que ele nunca pode levar a algo, senão a conclusões incertas. Somente a revelação divina pode fornecer certeza.

¹³ Henry, *GRA I*, 195.

¹⁴ “Minhas memórias mais profundas são aquelas gastas diante de Deus, frequentemente orando pelos outros... algumas vezes aguardando diante dele em lágrimas, algumas vezes em alegria, outras lutando entre alternativas, outras vezes apenas o louvando em adoração. O céu será uma festa sem fim para a alma que se aquece em sua presença.” Henry, *Confessions*, 407

¹⁵ Henry, *GRA I*, 73.

¹⁶ *Ibid.*, 73.

¹⁷ *Ibid.*, 77.

Qual, então, é o papel da razão? Logo no começo de *God, Revelation, and Authority*, Henry desnuda as suposições do que ele chama “o método racionalista do saber” que “considera o raciocínio humano como a única fonte confiável e válida de conhecimento”.¹⁸ Após traçar o curso e o destino do racionalismo na filosofia Ocidental, Henry declara que a fé no papel da razão humana tem sido abalada em anos recentes, reconhecendo dessa forma tendências que mais tarde viriam a ser chamadas de “pós-modernismo”. De um ponto de vista cristão, “a razão humana não é uma fonte de verdade infalível sobre a realidade última”, pois o homem é tanto finito como caído.¹⁹ Não há como nenhuma pessoa criada conhecer tudo o que é necessário para uma “cosmovisão abrangente”, e o “espírito humano caído direciona suas próprias perspectivas de uma maneira que faz violência à verdade da revelação, enquanto suas próprias formulações são ao mesmo tempo tornadas possíveis porque a razão é um dom divino cujo uso legítimo e apropriado o homem tem comprometido”.²⁰

A última cláusula aponta para o outro lado da visão de Henry sobre a razão: seu “uso legítimo e apropriado”. Ao longo de *God, Revelation, and Authority*, ele se opõe tenazmente à visão que “a razão deve em princípio ser anti-revelacional... Uma divindade relacionada ao homem somente em termos de contradição e paradoxo não pode servir à causa da revelação, nem da razão ou experiência”.²¹ Ele expõe, portanto, um “teísmo evangélico racional”.²² Isto é, um teísmo baseado na revelação de Deus, e não deformado por afirmações irracionais e auto-contraditórias. Sua suposição fundamental — derivada da Bíblia — é que “o Logo de Deus é a realidade coordenadora que une pensamento, vida e experiência”.²³ “Sua premissa básica é que o Deus vivo deveria ter a permissão de falar por si mesmo e definir o papel permanente da razão e o significado da revelação... A abordagem racionalista subordina a verdade da revelação às suas próprias alternativas e tem especulado à exaustão.” Nossa escolha agora é entre “postulação humana ou revelação divina”.²⁴

Continuando com as críticas citadas acima, ele é acusado de **seguir um método fundamentalmente dedutivo**. Isto é, “derivando conclusões a partir de determinados princípios racionais”.²⁵

Se isso significa que Henry tem pressuposições fundamentais, então é verdade. Ele começa com a premissa que a Bíblia é a Palavra de Deus, nosso único guia infalível de fé e prática. Henry insiste que devemos derivar nossa teologia das declarações claras e inferências legítimas da Escritura, não de considerações ou conceitos extrabíblicos. De fato, grande parte de *God, Revelation, and Authority* consiste de uma defesa sustentada da Bíblia como o único ponto de partida apropriado para a reflexão teológica; Henry critica repetidamente aquelas abordagens que surgem a partir de ideias ou especulações humanas.

Além disso, ele age sob a convicção que a Bíblia contém informação sobre Deus e seus caminhos que é clara o suficiente para ser entendida. “Deus em sua revelação é o princípio primeiro da teologia cristã, a partir do qual todas as verdades da religião revelada são derivadas.”²⁶ Ele sabe que a Bíblia transmite não somente informação, e tem intenção de nos levar à sabedoria real —

¹⁸ Ibid., 85.

¹⁹ Ibid., 91.

²⁰ Ibid., 91.

²¹ Ibid., 93.

²² Ibid., 94.

²³ Ibid., 95.

²⁴ Ibid., 95.

²⁵ Donald Bloesch, *Essentials of Evangelical Theology*, II, 268.

²⁶ Henry, *GRA I*, 215.

conhecimento salvífico de Deus — mas ele insiste que as palavras na Bíblia refletem e comunicam revelação inteligível da parte de Deus.

Mas aqui devemos ser cuidadosos, pois Henry pensa que essas suposições surgem a partir de uma leitura apropriada da própria Bíblia. Em outras palavras, ele não começa com essas ideias e constrói um sistema teológico sobre elas. Antes, seu encontro preliminar com a Bíblia, como um novo crente, o convenceu que essa é a própria Palavra de Deus, uma Palavra que pode ser compreendida suficientemente para ser comunicada aos outros também. Assim, mesmo suas pressuposições emergem de sua resposta ao que ele leu nas Escrituras: “A religião cristã não está suspensa num gancho postulacional; ela está ancorada na auto-revelação de Deus.”²⁷

Henry tem sido acusado também de:

“Advogar um Deus que se revela somente em termos euclidianos...”²⁸

Euclides foi um grande matemático grego, famoso por seu livro-texto sobre geometria, *Os Elementos*, que argumentava a partir de axiomas aos teoremas para produzir provas, concluindo com o confiante “Q.E.D.”. Assumamos que essa crítica refere-se à crença de Henry que a teologia é, em certo sentido, uma “ciência”, “no sentido mais profundo porque ela presume explicar, de uma forma inteligível e ordenada, tudo o que for legítimo em cada esfera da vida e aprendizado”.

Sem dúvida, a teologia cristã difere fundamentalmente de muita coisa da ciência moderna, pois ela não se baseia unicamente — nem mesmo principalmente — na observação empírica derivada pelos sentidos, e porque ela não exalta a razão humana acima da revelação divina como sua forma fundamental de conhecimento. Mas a teologia, como qualquer corpo de conhecimento (o sentido original de “ciência”), “está interessada não menos do que qualquer outra ciência em discutir pressuposições e princípios, fontes e dados, propósitos e objetivos, métodos de conhecimento, verificabilidade e falsificabilidade”.²⁹

Esse modo de falar sobre teologia incomoda as sensibilidades dos cristãos modernos, acostumados como estão a pensar em fé como pessoal, e não proposicional. Nossa era perdeu a confiança nos “resultados seguros da ciência”, e anseia por experiência que não seja simplesmente cognitiva e racional.

Assim, perguntamos o que Henry quer dizer. Ele pensa — como a crítica citada acima implica — que o nosso Deus é uma série de provas matemáticas impessoais, conhecidas pelo raciocínio frio e pela lógica rígida? Sem dúvida não! Essa é uma caricatura, possível somente àqueles que não leram suas obras cuidadosamente.

Henry simplesmente quer dizer que Deus se revelou de uma maneira que ele pode ser conhecido, sua revelação pode ser entendida, a Bíblia faz sentido, e podemos falar sobre Deus em formas que outros possam entender. De fato, aqueles teólogos que criticam Henry por ser “científico” tentam eles mesmos persuadir a outros pelos fatos e a lógica do argumento deles! A maioria dos escritores cristãos procura apresentar o seu caso de forma convincente e coerente, que é tudo o que Henry diz estar disposto a fazer.

²⁷ Ibid., 219.

²⁸ Como no início desse artigo, essas críticas foram extraídas do livro *Makers of the Modern Theological Mind: Carl F. H. Henry* (Waco: Word Books, 1983, páginas 164 ss), escrito por Bob E. Paterson.

²⁹ Henry, *GRA I*, 203.

Sem dúvida, Henry fala sobre axiomas e teoremas como apropriados para a teologia, mas isso significa que ele prevê um processo que seja friamente matemático e conduza meramente a uma série de princípios racionalmente deduzidos, e não a um conhecimento vital do Deus vivo? De forma alguma. Ele está simplesmente tentando reconhecer que a teologia sistemática, por definição, é *sistemática* — ela busca apresentar as doutrinas da Bíblia de uma forma ordenada, consistente e coerente. Para Henry, então, “axiomas” e “teoremas” referem-se a verdades vitais derivadas da Bíblia e apresentadas de uma forma que demonstre sua inter-relação mútua. Longe de ser uma série de observações randômicas e respostas à revelação das Escrituras, a teologia tem como objetivo organizar o tratamento de temas bíblicos de uma forma que faça sentido e carregue poder persuasivo.

Devemos admitir que Henry possivelmente não percebeu até que ponto o seu uso do substantivo “ciência” para descrever teologia geraria grande oposição e repulsa entre os evangélicos. Embora tenha dado o melhor de si para definir o que queria dizer por “ciência” e estivesse obviamente ciente da revolta contra o racionalismo “moderno”, e a ciência em particular, como temos visto, talvez ele não tenha apreciado quão visceralmente alguns evangélicos reagiriam ao seu uso de termos como “razão”, “racional”, “axioma” e “teorema”.

Ou ele o fez? Muito do seu projeto teológico tinha o objetivo de combater o crescente anti-racionalismo, muitas vezes irracionalismo mesmo, do século XX, e com frequência lamentou o pensamento emocionalista, superficial e confuso de muitíssimos líderes e pensadores evangélicos. Talvez ele tenha escolhido seus termos deliberadamente, numa quase tentativa desesperada de resgatar um bebê que estava em perigo de ser jogado juntamente com a água da banheira.

“Insistindo que as crenças religiosas e convicções morais devem passar pelo teste da lógica e da razão.”

Henry admite: “Com certeza [a teologia evangélica] insiste que a razão é o teste da verdade. Mas por conhecimento verdadeiro ela não quer dizer nada mais nada menos que a verdade como Deus a conhece e revela”.³⁰ Em outras palavras, Henry acredita que a Bíblia, que é a auto-revelação divina da verdade, não se contradiz. A razão não inventa a verdade; ela descobre a verdade ao examinar cuidadosamente o testemunho bíblico.

A revelação divina é a fonte de toda a verdade, incluindo-se a verdade do cristianismo; a Escritura é o seu princípio verificador; a consistência lógica é um teste negativo para a verdade e a coerência um teste subordinado. A tarefa da teologia cristã é exibir o conteúdo da revelação bíblica como um todo ordenado.³¹

Dessa forma, a revelação divina é o “axioma teológico básico” da teologia cristã.³² Esse fato “de forma alguma anula a verdade corolária que o Deus trino é o axioma ontológico básico do cristianismo”.³³ Em outras palavras, Henry não ignora que a teologia é primariamente *sobre* Deus; ele está meramente dizendo que para conhecer a Deus, devemos buscar a verdade como ela é encontrada em sua revelação, especialmente na Bíblia.

³⁰ Ibid., 93.

³¹ Ibid., 215.

³² Ibid., 216.

³³ Ibid., 219.

“Colocando uma ênfase indevida sobre ‘a lei da não contradição’.”

Carl Henry certamente insistia que a lei da não contradição desempenha um papel crucial em todo pensamento e discurso humano:

De forma distintiva, a experiência humana pressupõe a lei da não contradição e a distinção irreduzível entre verdade e erro; o homem não pode repudiar essas pressuposições lógicas sem sacrificar a inteligibilidade do que ele diz e faz, bem como sua própria coerência mental.³⁴

Em outras palavras, Van Til, Conn, McGrath e outros que depreciam a ênfase que Henry (e seu mentor Gordon Clark) coloca sobre a lei da não contradição podem fazê-lo apenas ao assumir essa mesma “lei”! Com respeito a essa questão, ou Henry está certo ou ele está errado; ele não pode estar certo e errado ao mesmo tempo. E seus críticos dizem que ele está errado! O que “errado” significa, a menos que haja uma contradição fundamental entre “certo” e “errado”, entre verdade e erro?

Alegar que Henry crê que a “lei da não contradição” existe independentemente de Deus é não compreender o seu pensamento. Afinal, a Bíblia declara que “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma”,³⁵ que ele não pode mentir³⁶ e que Jesus é a Verdade.³⁷ Todas essas descrições de Deus implicam algo como uma “lei da não contradição” dentro do próprio Deus. Sem dúvida, não como uma “lei” fora de Deus à qual ele deve obedecer, mas como parte da constituição fundamental da mente de Deus — do Logos — que distingue entre verdade e erro, “luz” e “trevas”, bem e mal, santo e profano, certo e errado.

É no contexto da soberania e total liberdade de Deus que Henry discute a natureza da lei da não contradição, que “não estabelece limites aos quais Deus deva se conformar; Deus mesmo quer a lei da não contradição como parte integrante tanto do significado divino como humano... As leis da lógica são a forma como Deus pensa; elas são a organização da mente divina”.³⁸ Deus não pode falar tanto o que é verdade como o que é falso ao mesmo tempo; de fato, ele não pode falar diretamente algo que seja falso (excluindo dessa discussão o registro das mentiras de Satanás na Bíblia). Ele *não pode* mentir. Ele se ligou à verdade, pois sua mente — seu Logos — é a própria verdade.

Dessa forma, quando Henry fala da “lei” da não contradição, ele está apenas referindo-se a uma “lei” que subjaz a todo pensamento e comunicação humana, uma lei que é assumida em tudo o que dizemos e fazemos. Essa “lei” está implantada em nós pois fomos criados à imagem de Deus, um Deus que distingue absolutamente entre verdade e erro, fato e falsidade, realidade e não realidade, Deus e não Deus.

Em suas próprias palavras:

As leis da lógica são a “arquitetura” ou organização da mente divina. Elas são a organização sistemática da mente de Deus ou da forma como Deus pensa. As leis da lógica, portanto, têm uma realidade ontológica última. Deus é o autor de todo

³⁴ Henry, *GRA II*, 126.

³⁵ 1 João 1.5.

³⁶ Hebreus 6.18.

³⁷ João 14.6.

³⁸ Henry, *GRA IV*, 319.

significado, o fundamento de todos os fatos; seu pensamento é ultimamente decisivo para toda pregação.³⁹

Simplemente não podemos escapar do fato que nossas mentes distinguem entre verdade e erro, e que todos os nossos julgamentos de valor assumem e expressam esse elemento básico da nossa natureza mental.

Outro ponto: não somente os cristãos, mas todos os humanos pensam e falam a partir dessa realidade fundamental. Deus se dirige aos homens como seres “racionais” (isto é, capazes de razão). Isso é o que Henry quer dizer por presença universal da lei da não contradição tanto nos humanos como em seu Criador. Ou, como ele coloca: “Aqueles que argumentam que Deus é ilógico e então presumem dizer algo ontologicamente significante sobre ele, caem em balbucios religiosos”.⁴⁰

Ser “excessivamente preocupado com... revelação preposicional.”

Verdade, Henry insiste sobre a revelação preposicional ao longo de todo o *God, Revelation, and Authority*, especialmente no Volume III, capítulos 24 ao 28.

Se a revelação é uma comunicação de verdade compartilhável, ela consistirá de sentenças, proposições e julgamentos, e não simplesmente de conceitos isolados.

Deus... não profere ilogicidades... A revelação divina com significado envolve comunicação em sentenças inteligíveis.⁴¹

Outra objeção é que “a verdade preposicional despersonaliza a revelação tornando-a declarações abstratas que entorpecem o chamado à decisão e obediência... Mas se o chamado à decisão e obediência reside em imperativos que não podem ser analisados logicamente, e que não são respondíveis às reivindicações de verdade, então nenhuma criatura racional estaria obrigada a obedecer tais demandas”.⁴²

Ele continua:

Uma leitura do Novo Testamento mostrará rapidamente... que o verbo *crer* (*pisteno*) de fato tem verdades doutrinárias ou declarações proposicionais como seu objeto; portanto, é falso ao ensino dos Evangelhos e Epístolas dizer que o objeto da crença é propriamente apenas uma pessoa.⁴³

Uma proposição é uma declaração verbal que é verdadeira ou falsa; é uma afirmação racional capaz de ser crida, duvidada ou negada.⁴⁴

Queremos dizer por revelação preposicional que Deus comunica sobrenaturalmente sua revelação a porta-vozes escolhidos nas formas expressas de verdades cognitivas,

³⁹ Ibid., 334.

⁴⁰ Henry, *GRA* III, 429.

⁴¹ Ibid., 430.

⁴² Ibid., 433.

⁴³ Ibid., 438.

⁴⁴ Ibid., 456.

e que a proclamação apostólico-profética inspirada articula confiavelmente essas verdades em sentenças que não são internamente contraditórias.⁴⁵

Deus é “mais” do que aquilo que ele revelou na Bíblia? Sem dúvida! Mas sem a revelação proposicional na Bíblia, não saberíamos dessa transcendência de Deus. “À parte da informação cognitiva verdadeira e com significado, não poderíamos saber o que é a presença de Jeová, ou falar confiantemente sobre a personalidade e individualidade de Deus, ou mesmo da realidade transcendente”.⁴⁶

Após essas definições e respostas preliminares às objeções, Henry volta-se à sua posição com uma análise extensa da Escritura, a qual ele descobre ser composta de declarações inteligíveis, embora sem dúvida expressas em vários gêneros, tais como poesia. Mas “O SENHOR é o meu pastor” ainda é uma proposição.

Além do mais, contrário à alegação de Roger Olson que “a visão de Henry sobre a revelação divina pode parecer implicar que todas as formas não proposicionais de revelação não são importantes quando comparadas com a revelação proposicional”,⁴⁷ Henry declara explicitamente o seguinte: “A própria Bíblia atesta a variedade considerável na atividade revelacional de Deus, descrevendo a revelação divina não por um termo particular, mas por uma vasta gama de conceitos descritivos”.⁴⁸ Contrário àqueles que restringiriam a revelação de Deus à própria Bíblia, ele escreve: “O Deus da Bíblia é o Deus que se revela em sonhos e visões, em teofania e encarnação, em palavras e escritos. Suas formas multiformes de revelação desafiam a redução simplista”.⁴⁹

Henry entende que nem tudo na Bíblia é uma proposição:

É o caso que na Bíblia Deus não revela somente sentenças, ou verdades proposicionais, mas também revela seu Nome, ou nomes, e dá mandamentos divinos. Mandamentos não podem afirmar uma verdade e não são proposições. Tais revelações certamente são capazes de ser formuladas proposicionalmente, mas isso é admitidamente algo diferente do que expressamente identificá-las como revelação proposicional. Todavia, mesmo a revelação do nome de Deus requer um contexto com significado para a inteligibilidade; conceitos isolados não transmitem verdades...

Se é demais dizer que a revelação divina deve ser proposicionalmente dada para ter significado e ser verdadeira, torna-se totalmente desnecessário insistir que a revelação divina de fato toma forma proposicional.⁵⁰

Um último ponto a ser feito sobre esse assunto: aqueles que dizem que a revelação não é proposicional fazem isso com uma abundância de proposições, nas quais eles esperam que creiamos.

Aqueles que pensam ser Carl Henry muito “racionalista” naturalmente pensam que ele está constantemente

⁴⁵ Ibid., 457.

⁴⁶ Ibid., 459.

⁴⁷ Roger Olson, *The Westminster Handbook to Evangelical Theology* (Louisville: John Knox Press, 2004) 46.

⁴⁸ Henry, *GRA II*, 79.

⁴⁹ Ibid., 80.

⁵⁰ Ibid., 480-481.

Esquecendo que “nossa teologia estará sempre aquém da mente de Deus... [e que] não processamos a verdade, visto que a razão é sempre a serva, e nunca a senhora ou determinante da revelação”.

A terceira das suas *Quinze Teses sobre a Revelação Divina* declara claramente que: “A revelação divina não apaga completamente o mistério transcendente de Deus, visto que Deus o Revelador transcende a sua própria revelação. A revelação dada ao homem não é exaustiva sobre Deus. O Deus da revelação transcende sua criação, transcende sua atividade, transcende sua própria revelação. Não vemos tudo a partir do ponto de vista de Deus. Mesmo os apóstolos escolhidos reconheceram que o conhecimento deles baseado na revelação divina era apenas ‘em parte’, e ainda não ‘face a face’ (1 Coríntios 13.12)”.⁵¹

Portanto, “é pura ilusão qualquer teólogo contemporâneo, conquanto devotado ou capacitado, pensar que ele ou ela dominam plenamente a verdade de Deus da forma como Deus a conhece”.⁵²

Por outro lado, “embora não possamos conhecer Deus exaustivamente, podemos conhecê-lo pessoal e adequadamente. Embora não possamos conhecê-lo à parte da nossa finitude, podemos conhecê-lo como criaturas divinamente destinadas a apreender o seu Criador. Embora possamos conhecê-lo somente por meio das formas de nosso entendimento, essas formas divinamente criadas transmitem conhecimento confiável sobre Deus”.⁵³

Henry é também acusado de:

Sustentar que “a verdade da revelação pode ser conhecida antes da pessoa tornar-se um cristão”, “dando à razão um papel criativo antes da fé”, e não enfatizando o suficiente “a ideia que a mente do incrédulo é depravada e que a mente do crente é iluminada pela graça, que nosso conhecimento de Deus é um dom puro e não uma aquisição racional ou filosófica”.

Henry acreditava que o homem foi criado à imagem de Deus, e assim dotado com uma racionalidade que torna o pensamento e o entendimento de algumas verdades possível. A imagem de Deus no homem inclui tanto um componente racional como moral. Até mesmo os homens e mulheres não regenerados podem distinguir então entre bem e mal; verdade e erro; certo e errado; e Deus e não Deus. Eles podem não conhecer a verdade sobre Deus, mas os conceitos mencionados acima estão embutidos na mente de toda pessoa.⁵⁴

Por outro lado, Henry refere-se com frequência aos “efeitos noéticos do pecado” e “ao que teólogos cristãos chamam de predicamento epistêmico do homem finito e pecador”, que nos incapacitam de conhecer a verdade à parte da revelação.⁵⁵ Ele refere-se “à demanda cristã que as presunções de toda era cultural devem ser testadas a partir do ponto de vista da revelação transcendente”.⁵⁶

⁵¹ Henry, *GRA* II, 9.

⁵² Henry, *GRA* V, 376.

⁵³ *Ibid.*, 376

⁵⁴ Henry, *GRA* II, 125-126.

⁵⁵ Henry, *GRA* I, 91.

⁵⁶ *Ibid.*, 92.

A despeito da Queda, que incluiu a mente, contudo, “a natureza da verdade é tal que a revelação cristã é formalmente inteligível a todos os homens; ela de forma convincente sobrepõe elementos da experiência de todo homem, e oferece uma explicação do significado e valor da vida mais consistente, abrangente e satisfatória do que os outros pontos de vista”.⁵⁷ Dessa forma, o incrédulo pode entender muito do que o cristão está dizendo, mesmo que discorde e recuse se submeter à verdade de Deus. Como uma criatura de Deus, ele pode se engajar num diálogo com significado, mesmo que apenas a fé na revelação de Deus somente o trará a uma verdadeira compreensão.

Se o incrédulo não tem capacidade de pensar racionalmente, então todo o evangelismo e apologética cristã são inúteis. Henry está meramente dizendo que os não cristãos têm mentes que funcionam da mesma forma que as mentes dos cristãos, embora eles sejam obscurecidos e ignorantes.

Não entendendo que “a revelação, e não a razão, deve ser a autoridade final”.

Henry diz, pelo contrário, que “a razão é um instrumento divinamente criado para reconhecer a verdade; ela não é uma fonte criadora da verdade”.⁵⁸ Por que a revelação deve preceder e controlar a razão? Porque “a razão humana não é uma fonte de verdade infalível sobre a realidade última”.⁵⁹

O cristianismo mostra-se... não como uma teoria metafísica supremamente construída, mas como uma revelação, diferindo em tipo das filosofias seculares que são baseadas na reflexão racional... Sua premissa básica é que o Deus vivo deveria ter a permissão de falar por si mesmo e definir o papel permanente da razão e o significado da revelação... a abordagem racionalista subordina a verdade da revelação às suas próprias alternativas e tem especulado à exaustão”.⁶⁰

“Sustentando que a revelação pode ser compreendida pela razão somente.”

No Volume III de *God, Revelation, and Authority*, Henry devota um capítulo inteiro a “O Espírito como Iluminador Divino”.

Deus pretende que a Escritura funcione em nossas vidas como sua Palavra iluminada pelo Espírito. É o Espírito quem abre o ser do homem a uma consciência pessoal aguda da revelação de Deus. O Espírito nos capacita a receber e nos apropriar da Escritura, e promove em nós uma compreensão teológica normativa para uma vida transformada. O Espírito dá um foco vital e atual para a revelação histórica e a torna poderosamente real.⁶¹

⁵⁷ Ibid., 238.

⁵⁸ Ibid., 225.

⁵⁹ Ibid., 91

⁶⁰ Ibid., 95.

⁶¹ Henry, *GRA* III, 273.

O ministério do Espírito de Deus... é essencial e único em animar a revelação de Deus na vida do seu povo tanto quanto o fenômeno da encarnação divina e a inspiração divina.⁶²

O Espírito ilumina a Escritura, evoca a confiança em Deus e regenera pecadores contritos.⁶³

A abordagem de Henry constitui “teísmo grego”.⁶⁴

É difícil saber se devemos rir ou chorar diante dessa caricatura. A mesma acusação é frequentemente lançada contra proponentes do teísmo cristão por aqueles que advogam a teologia “da abertura”, cujos ataques ferozes contra Carl Henry não são dessa forma surpreendentes. O teísmo grego era marcado por confiança na razão humana desassistida para entender a verdade última, numa ignorância quanto à revelação divina e num conceito de Deus como impessoal. Nada disso caracteriza a teologia de Carl Henry.

Conclusão

Espero que esta discussão tenha demonstrado que a acusação que Carl Henry era em algum sentido racionalista é totalmente sem fundamento.

G. Wright Doyle
China Institute
civirginia@nexet.net
www.chinainst.org

⁶² Ibid., 278.

⁶³ Ibid., 278.

⁶⁴ Harvey M. Conn., *Contemporary world theology*, 139. Em seus capítulos sobre “neo-evangelicalismo”, Conn faz uma série de generalizações que parecem incluir Henry na rejeição ampla deles àquele movimento, mas que não se aplicam a Henry. Tal desleixo é má erudição e polêmica duvidosa, para dizer o mínimo.